

# Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 21, N° 1

2019

# **Universidade Federal da Paraíba**

## **Reitora**

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

## **Programa de Pós-Graduação em Letras**

### **Coordenadora**

Ana Cristina Marinho

## **Revista Graphos**

### **Editores-Chefes**

Marta Pragana Dantas

Roberto Carlos de Assis

### **Conselho Consultivo**

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Luiz Antônio Mousinho

Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo

### **Revisora**

Adriana Cláudia de Sousa Costa

### **Organizadoras do Dossiê**

#### **LEITURAS LITERÁRIAS E ENSINO**

Daniela Segabinazi (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Renata Junqueira de Souza (Universidade Estadual Paulista, Brasil)

### **Conselho Editorial**

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (Universidade Estadual do Piauí, Brasil)

Felipe Munita (Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha)

Gabriela Rodella de Oliveira (Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil)

Genilda Azerêdo (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Karine Rocha (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

Laura Beard (University of Alberta, Canadá)

Lawrence Venuti (Temple University, Estados Unidos da América do Norte)

Liane Scneider (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Márcia do Amaral Peixoto Martins (Pontifícia Universidade Católica, RJ, Brasil)

Maria do Amparo Tavares Maleval (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil)

Paulo Fernando Henriques Britto (Pontifícia Universidade Católica, RJ, Brasil)

Ria Lemaire (Universidade de Poitiers, França)

Rui Carvalho Homem (Universidade do Porto, Portugal)

Vima Lia Rossi Martin (Universidade de São Paulo, Brasil)

### **Pareceristas *ad hoc***

Adriana Lins Precioso (Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil)

Alice Atsuko Matsuda (Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil)

Allana Dilene de Araújo de Miranda (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)

Alômia Abrantes (Universidade Estadual da Paraíba, Brasil)  
Ana Cristina Bezerril Cardoso (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)  
Ana Paula Franco Nobile Brandileone (Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil)  
Benedito Antunes (Universidade Estadual Paulista, Brasil)  
Berta Lúcia Tagliari Feba (Faculdade de Presidente Prudente, Brasil)  
Danglei de Castro Pereira (Universidade de Brasília, Brasil)  
Diógenes Buenos Aires de Carvalho (Universidade Estadual do Piauí, Brasil)  
Edgar Roberto Kirchof (Universidade Luterana do Brasil, Brasil)  
Elaine Pereira Andreatta (Universidade do Estado do Amazonas, Brasil)  
Elcimar Simão Martins (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil)  
Eliane Santana Dias Debus (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)  
Elisa Maria Dalla-Bona (Universidade Federal do Paraná, Brasil)  
Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega (Universidade Estadual da Paraíba, Brasil)  
Elizabeth Cardoso (Pontifícia Universidade Católica, SP, Brasil)  
Fabiane Verardi Burlamaque (Universidade de Passo Fundo, Brasil)  
Felipe Munita (Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha)  
Fernando Rodrigues de Oliveira (Universidade de São Paulo)  
Genilda Azerêdo (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)  
Iara Tatiana Bonin (Universidade Luterana do Brasil, Brasil)  
José Hélder Pinheiro Alves (Universidade Federal de Campina Grande, Brasil)  
Josete Marinho de Lucena (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)  
Luciane Alves Santos (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)  
Luiz Antônio Mousinho (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)  
Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)  
Maria Laura Pozzobon Spengler (Instituto Federal Catarinense, Brasil)  
Marta Aparecida Garcia Gonçalves (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil)  
Marta Passos Pinheiro (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil)  
Marta Pragana Dantas (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)  
Rinah de Araújo Souto (Universidade Federal da Paraíba, Brasil)  
Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil)  
Rosa Maria Hessel Silveira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)  
Sheila Lopes Maués Autiello (Universidade Federal do Pará, Brasil)  
Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues (Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil)  
Thiago Alves Valente (Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil)  
Vima Lia de Rossi Martin (Universidade de São Paulo, Brasil)

## APRESENTAÇÃO

### LEITURAS LITERÁRIAS E ENSINO

O dossiê Leituras literárias e ensino reúne um conjunto de artigos que abordam questões sobre a leitura literária em ambientes de formação e mediação da leitura, seus desafios no século XXI e suas possíveis alternativas de solução. Dessa forma, os artigos que compõem esse número se originam da coleta de dados bibliográficos e/ou de campo que analisam, descrevem e socializam conhecimentos em torno da relação entre literatura e ensino, leitura literária e formação de leitores, espaços e mediação da leitura literária, formação de mediadores de leitura literária. Além disso, amplia o espaço de diálogo para análises comparativas e críticas de documentos oficiais e políticas públicas; estudo de obras literárias correlacionadas a relatos de práticas de trabalhos que vão desde a leitura interpretativa da ilustração às propostas com diferentes gêneros; e discussões sobre as condições de produção, acesso, circulação e apropriação de conhecimentos e materiais de leitura literária.

Diante do exposto, ainda é importante pontuar que o ensino de literatura nas escolas brasileiras, especialmente no nível fundamental, geralmente é norteado quase exclusivamente pelo livro didático, com atividades repetitivas e distanciadas de práticas de leituras que efetivem a formação de leitores competentes. Conforme Daniela Segabinazi (2015) as práticas educativas realizadas pelos docentes, na sala de aula, não acompanham as escolhas de métodos de abordagem textual e nem consideram os fundamentos da teoria literária, também ignoram ou desvalorizam a didática e o planejamento de procedimentos que são inerentes à atividade do magistério. Conhecendo a realidade das escolas brasileiras, podemos dizer que as atividades de leitura literária são esparsas e muitas vezes o desinteresse do aluno, faz com que docentes não priorizem momentos de leitura literária no contexto escolar:

O modelo de aula de literatura **atualmente** em vigor na escola brasileira poderia ser descrito como uma sequência de atividades mais ou menos estáticas, ditadas inclusive pelo livro didático: apresentação de um texto, explicação do vocabulário, exercícios de interpretação, exercícios gramaticais e composição. (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 36. Grifo nosso)

Essa afirmação, em parte desanimadora, permite-nos refletir sobre a didática e as práticas educativas do ensino de literatura, seus métodos de ensino e sua falta de renovação ou mesmo de variação de atividades na sala de aula. Por outro lado, nos faz pensar se atualmente,

ainda, se preserva a sequência didática elencada por Aguiar e Bordini (1993) e se ela é ou não pertinente ao ensino; assim nos perguntamos o que se apresenta como novo, e o que seria outro modelo pedagógico de ensino de literatura (que funcione?, que seja eficiente em seus propósitos?).

Ao recorrermos a afirmações mais recentes sobre o ensino de literatura no ensino fundamental, vamos constatar a permanência de um quadro problemático, que aponta para outras implicações, tais como:

Grande parte dos professores demonstra desconhecer a especificidade do texto literário e a função formadora da literatura, atribuindo a razão da escolha dos textos literários a aspectos que lhe são exteriores, como a ampliação do vocabulário, a assimilação de regras de escrita ou, até mesmo, a preparação para exames de mudança de nível de ensino. Além disso, por ignorar a interação texto-leitor, o docente substitui a leitura como prática significante por exercícios centrados no reconhecimento de informações, impedindo, assim, que os alunos participem da descoberta do real que o poder imagético do texto desencadeia e do prazer da exploração dos recursos da linguagem que todo o texto estético mobiliza. (SARAIVA; MÚGGE, 2006, p. 27)

Essa falta de compreensão e clareza por parte dos professores sobre a natureza e a função do texto literário também se observa nas afirmações de Rildo Cosson (2006), ao dizer que “[...] a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresenta parentesco com a ficção ou a poesia” (p. 20). Consequentemente, essa imprecisão e desorientação sobre a natureza e a função do texto literário na escola resultam no ofuscamento de práticas de letramento literário que consumam a formação de um leitor competente, ativo e participativo. Não obstante, apagam as fronteiras entre o literário e o não literário, entre o fictício e o real, entre o estético e o utilitário, enfim entre as diversas formas de compreender o lugar que a leitura literária ocupa na vida de cada um.

Os artigos reunidos neste dossiê tratam sobre o ensino da literatura. Muitos apresentam experiências que revelam possibilidades do fazer pedagógico, outros, casos específicos que também mostram resultados positivos com um ensino voltado para o texto literário e os olhos e ouvidos para os alunos, que demonstram, quando motivados, gostar de ler literatura.

Dessa maneira, Maria Aparecida Lopes Rossi problematiza os conceitos de escolarização e de escolarização da literatura pautando-se em Soares (2003, 2006), Saraiva (2001) Arena (2010), Zilbermann (1987), Miguez (2003) e Batista (2004). A escolarização é entendida como o resultado da submissão de um determinado conhecimento ao ensino escolar. No que se refere à escolarização da literatura, entende-se, como Miguez (2003), que a leitura da literatura não deve ser entendida e manipulada como uma tarefa escolar, mas sim como experiência estética que se manifesta no prazer de ver, ler e descobrir o mundo através da

literatura. Os resultados mostram o que Soares (2003) considera escolarização inadequada da literatura pela escola, quando a leitura dos textos não é direcionada para os recursos de expressão utilizados ou para a percepção do uso estético da linguagem e nem tampouco para a compreensão da visão de mundo e do contexto em que se inserem.

Joice Ribeiro da Silva, em artigo intitulado “A leitura literária na sala de aula: estratégias de leitura e o processo de alfabetização”, busca romper com algumas práticas equivocadas para se ensinar a ler, como, por exemplo, as tradicionais questões de interpretação e a decodificação do texto. Para isso, pauta-se numa perspectiva que considera o leitor como um sujeito ativo, que interage, num processo dialógico, com o texto e o contexto. Assim, apresenta o trabalho desenvolvido com as estratégias de leitura em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental utilizando prioritariamente a literatura infantil. Pois a autora acredita que, para consolidar o processo de alfabetização, faz-se necessário incentivar a leitura de literatura infantil, e criar oportunidades metodológicas para que as crianças aprendam a ler literatura. Desse modo, encontrou na proposta das estratégias de leitura uma possibilidade eficaz para explorar a literatura infantil em sala de aula. Os resultados apontam que a construção de um álbum permitiu destaque aos gráficos organizadores e a participação das crianças durante a elaboração do material.

Cristina C. Torrijos, no artigo “A leitura de clássicos no ensino médio”, compartilha uma experiência espanhola que, com o intuito de tornar a natureza "obrigatória" da leitura dos clássicos mais flexível, nos apresenta três estratégias, sempre com uma seleção rigorosa de textos: adaptações, antologias e leituras fragmentadas. Também propõe os guias de sequenciamento de leitura do CEPLI como um instrumento que pode ajudar a introduzir os clássicos para crianças e jovens leitores. E concentra as explicações a partir de dois guias de leitura referentes à leitura de *Dom Quixote: fidalgos, comediantes e escudeiros*, *Maeso Pedro e seu retábulo*, editado pelo CEPLI – Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil de la Universidad de Castilla-La Mancha – e pela UCLM – Universidad de Castilla-La Mancha –, e *A aventura da mão de Montesinos* (publicado pela Fundación Botín e CEPLI).

Em “Leitura literária e ensino de língua francesa: formação de alunos do ensino médio do CAP UFRJ”, Larissa de Souza Arruda e Luiz Carlos B. Rodrigues relatam uma experiência com o terceiro ano do ensino médio e três ateliês temáticos: música, literatura e cinema. Apresentam um trabalho realizado entre junho e dezembro de 2017 com o grupo de ateliê de literatura, cujo planejamento e execução foram pensados com o intuito de trabalhar com a turma a leitura de textos literários e a criação de poemas a partir das leituras e discussões feitas em

sala de aula. Os autores fazem um resumo do histórico do uso do texto literário ao longo das metodologias de ensino de francês e defendem a importância do uso da literatura na aula de língua. Por fim, apresentam algumas atividades realizadas e produções dos alunos, além de evidenciarem as avaliações feitas pelos alunos dessa experiência pedagógica.

Em “A mediação da leitura literária: uma proposta de metodologia temática”, as autoras Suéllen P. M. Lourenço e Maria Amélia Dalvi, ancoradas em noções conceituais bakhtinianas e nas reflexões sobre a literatura e a leitura de Antonio Candido e Paulo Freire, tematizam a promoção de uma leitura literária dialógica e apresentam possibilidades de exploração do texto literário a partir de uma experiência de leitura e análise de obras que se aproximam tematicamente. Para tal, selecionam dois livros: *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade, e *Minha vida de menina*, de Helena Morley. Discorrem a respeito de como se constroem as relações familiares no contexto de cada obra, destacando o importante papel do professor como mediador nesse processo que visa à formação de sujeito leitor crítico e consciente de seu papel social.

Machado de Assis no ensino médio é tema do artigo de Carla Martins Viana, que reflete sobre o ensino de literatura no Ensino Médio por meio da exposição e análise de uma atividade de leitura e escrita literária que resultou em recriações de contos machadianos, mais especificamente “Noite de Almirante” (1884) e “Missa do galo” (1894). Para tanto, os contos foram apresentados, trabalhados, bem como analisadas duas produções textuais dos estudantes. Tais análises foram realizadas à luz de textos teóricos dedicados à questão do letramento literário, trabalho que resulta numa exposição de motivos para que autores como Machado de Assis sejam lidos, discutidos e sirvam de inspiração para o exercício da escrita literária em sala de aula.

O artigo “A leitura literária de *A hora da estrela*: um percurso de encontros e descobertas”, de Neide Luzia de Rezende e Sarah Vervloet Soares, apresenta um relato de experiência de leitura literária, realizada no primeiro ano do ensino médio do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES – campus Piúma) e, ainda, discute alguns aspectos que se tornaram relevantes durante essa prática. Por meio de aulas transformadas em encontros, o projeto de leitura da obra *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, teve o objetivo de aproximar os alunos da prática da leitura. Assim, a leitura literária, a mediação de leitura, a interação com a biblioteca escolar, a produção do portfólio de leitura e a didática de literatura são os principais pontos de interesse do artigo.

Os autores do próximo artigo, Sarah Gonçalves, Alexandre Costa e Agostinho Souza, verificam quais práticas para a formação de leitores são sugeridas nos documentos do

Ministério da Educação (MEC) que norteiam o currículo e a docência. Para realizar esse estudo, consideram o objeto em sua perspectiva histórica e discursiva, refletindo sobre as transformações e regularidades dos conteúdos, estratégias, práticas, habilidades e expectativas de aprendizagem da leitura na escola, tendo em vista o recorte temporal dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) até a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), com análise documental e também revisão bibliográfica desse tema, à luz das teorias de Chartier (1999, 2011, 1988), Bakhtin (1979, 2011) e Rojo (2012). Constatam que, nessa contemporaneidade digital na qual estamos imersos, a leitura está atrelada à perspectiva dos multiletramentos, e sua práxis pedagógica é enunciada em normativas partindo de teorias do texto e do discurso, as quais serão reconhecidas na BNCC, ainda que não estejam, nesse documento, devidamente creditadas. Por fim concluem que as práticas leitoras na cultura de novas tecnologias da comunicação e da informação tendem a ser mais fluidas, embasadas não em procedimentos estanques, mas em itinerários possíveis, aludindo à navegação – metáfora e também nomeação da leitura em rede, ou seja, realizada na internet.

Hércules C. Toledo e Cleide de Araújo Campos, no artigo intitulado “A influência dos elementos gráficos nos livros para crianças na contemporaneidade: análise de duas obras da coleção Universidade das crianças”, focam na análise de dois livros dessa coleção, publicada pelo selo Estraladabão, da Editora UFMG, em 2018: *O que existe? O que não existe?* e *O que é um livro?* Dessa maneira, analisam alguns elementos do projeto gráfico das obras selecionadas e da relação entre texto escrito, ilustração e *design*, seguindo a ordem: 1- Capa e quarta capa; 2- Formato do livro e outros elementos da materialidade; 3- *Layout*: forma como o texto escrito e o visual são apresentados na página, o que inclui uma série de elementos e de relações entre eles, como: tipo e tamanho de letra, espaço entre linhas e mancha gráfica (a área do impresso: texto escrito e ilustração). Destaca-se que a definição deste último elemento envolve a relação entre texto escrito e texto visual.

O artigo de Márcia Tavares “Estratégia inferencial para ler o livro ilustrado” apresenta uma análise do livro *Lá e Aqui* (2015), de Carolyn Moreyra, ilustrado por Odilon Moraes; destacando, a partir do espaço gráfico e narrativo, uma proposta de leitura permeada pelo uso das estratégias centradas em inferências. Para o estudo da aplicação da estratégia de inferência, toma como referência Girotto e Souza (2011) e utiliza os pressupostos inseridos na prática de leitura das palavras e na transposição de conceitos para a leitura das ilustrações do livro infantil. Por fim, apresenta o relato de uma experiência, composta por uma discussão das respostas de um questionário de sondagem preenchido por professores sobre a ilustração do livro de Moreira e Moraes, para posterior reflexão sobre a experiência com esses mediadores.

No artigo “A literatura como gesto de resistência em ‘O sagrado pão dos filhos’, de Conceição Evaristo”, as autoras Maria Valdenia da Silva, Jaquelânia Aristides Pereira e Maria de Fátima Vasconcelos da Costa apresentam como compreenderam o conto “O sagrado pão dos filhos”, resultante da leitura e interpretação do texto e da experiência de leitura compartilhada num círculo de leitura com participantes do evento Memórias de Baobá, em Fortaleza. Utilizam como fundamento da análise literária do conto os dispositivos da crítica literária, da abordagem bakhtiniana da linguagem e da análise do discurso francesa. Os resultados evidenciam a percepção dos leitores com a tessitura estética complexa e reveladora de como a literatura constrói o humano, configurando um gesto decolonial, que faz ecoar vozes silenciadas subjacentes ao processo de subalternização racial tanto econômico quanto simbólico.

Por fim, Leno Francisco Danner, Julie Dorrico e Fernando Danner, no artigo intitulado “Literatura indígena brasileira: entre tradição, crítica e resistência”, propõem como chave de leitura para a literatura indígena sua vinculação ao Movimento Indígena, sua politização radical e sua utilização da tradição como crítica do presente enquanto ferramentas metodológicas para o acesso a ela e, principalmente, para que não se perca de vista seu sentido e sua orientação profundamente políticos e politizantes.

São muitas as propostas aqui apresentadas para o ensino da literatura, e professores podem se inspirar para boas práticas educativas. Assim, crianças e jovens se motivarão para ler e vivenciar o texto literário e esperamos que o ato de ler seja contagioso, que um livro puxe outro, que os assuntos no contexto escolar sejam tais livros, e que leitores sejam formados.

Além dos artigos que compõem o dossiê, os editores da Revista apresentam mais três contribuições, sendo duas na seção Outros Artigos, e uma na rubrica de Tradução.

Assim, em “A Construção do herói no desenho animado: o período das narrativas híbridas (1980 – 2000)”, Fernando Teixeira Luiz analisa as propostas de representação de heróis veiculadas pelo cinema gráfico em um período de vinte anos, bem como suas articulações com a literatura, o cinema e os quadrinhos. O autor aponta para a multiplicidade que envolve o universo da mitologia, o substrato medieval, a literatura arturiana, a fantasia futurista, o faroeste norte-americano e as fontes lendárias dos samurais, entre outros diálogos intermídia.

Em “Subjetivações rizomáticas e a ideia de corpo sem órgãos em *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll”, Francisca Gilmara da Silva Almiro e Roniê Rodrigues da Silva apoiam-se nos conceitos de Corpo sem Órgãos e Rizoma propostos pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari para analisar a errância das personagens e a linguagem utilizada para a composição da obra *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll.

Finalmente, na seção de Tradução encontramos “O papel da tradução na constituição da prosa fundamental búlgara”, artigo da professora, ensaísta e tradutora búlgara Irena Kristeva, traduzido por Clarissa Prado Marini. Originalmente escrito em francês (“Le rôle de la traduction dans la constitution de la prose fondamentale bulgare”) e publicado em 2015 na revista Italiana *Ticontre: Teoria Testo Traduzione*, o artigo discute alguns fatos de destaque da história da tradução na Bulgária que influenciaram a formação de sua literatura e de sua identidade nacional. A tradução brasileira vem, assim, enriquecer o acervo de textos disponíveis em português numa área florescente dos Estudos da Tradução: a história e historiografia da tradução.

Desejamos a todos uma boa leitura.

## Referências

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira, **Literatura: A Formação do leitor:** alternativas metodológicas. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

SARAIVA, Juracy A.; MÜGGE, Ernani et al. **Literatura na escola:** propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SEGABINAZI, Daniela Maria. O ensino de literatura continua em perigo... **Revista Língua & Literatura**. Erechim (RS), v. 17, nº 30, p. 63-78, 2015. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/issue/view/120>>.

João Pessoa, maio de 2019.

Daniela Segabinazi e Renata Junqueira de Souza  
(Organizadoras do dossiê)